

Stadium

N.º 198 — 18 de Setembro de 1946 — Esc. 2\$00



a. Martin
maqueda.
Lisboa - 446

QUARESMA
DO BELENENSES

miubut

N.º 128 — 18 de Setembro de 1946 — 2.º 200

A Iluminante

Material eléctrico
para
todas as aplicações

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
LISBOA

Rua Passos Manuel, 209
PORTO

*notas
de
1946-1947*

QUAREMA
DO BLENESSES

Um grupo que ficará histórico no futebol português: 1.ª categoria do Clube Oriental de Lisboa no 16.º da sua estreia

Stadium

N.º 198 - 18 DE SETEMBRO DE 1946 - Preço 2\$00



*A vida
e estreia
de um clube
feito de
3 clubes*

O primeiro dia do Campeonato de Lisboa oferecia uma novidade, a estreia de um Clube proveniente de uma iniciativa merecedora de inteiro aplauso: O Clube Oriental de Lisboa, nascido da fusão de três simpáticos agrupamentos que no futebol deram contribuição de valor a par de entusiástico interesse pela propaganda do futebol: o Chelas, o Fósforos e o Marvilense.

O novo clube, ligado a um sentido popular, desenvolvendo a sua actividade num aglomerado populoso da nossa cidade, apareceu-nos rodeado de grandes propósitos de fazer boa figura. Apegados a grandes projectos — que não são meras utopias — os «orientais» surgem-nos numa manifestação de querer realizar obra digna.

— Os nossos desejos são animados de uma vontade forte de fazer alguma coisa no meio desportivo português e especialmente — é o nosso primeiro interesse — nos bairros desta parte oriental da cidade — diz-nos Rui de Seixas, o mais fervoroso adepto da inteligente iniciativa.

Por enquanto — continua, escutado pelos seus colaboradores na direcção do Oriental — principiámos... Reconhecemos que cai sobre a nossa iniciativa pesada tarefa. Mas tudo se nos apresenta sob bons aspectos. Interesse, muito interesse que há-de ajudar melhor ainda a realização do nosso programa. Estamos quase a alcançar os 3 mil sócios. Mas, sobretudo, o Oriental pretende ser um clube fresco, onde a gente moça venha dar o contributo alegre. A juventude deste grande bocado de Lisboa que é a sua parte oriental, estará dentro em pouco no nosso clube. Já temos formados dois grupos de futebol para o campeonato de juniores. E o primeiro «team» não é de velhos. A média está nos 23 anos. E um propósito defendemos: os jogadores do Oriental serão todos producto cá do burgo. Mas também não consentiremos que nos venham cá buscá-los. Procuraremos levar a cabo dentro do clube uma verdadeira escola de jogadores. E creia que temos pano para mangas...

Sempre entusiasmado, vivendo «isto» que é muito obra sua, Rui de Seixas, com o seu feitiço «dinâmico», garante-nos:

— O Oriental basta-se-á a si próprio. Vamos para o Campeonato de Lisboa desejosos de fazer boa figura. É natural. Mas o que podemos assegurar é que o clube há-de vingar conquistando as simpatias de todos, pelo seu proceder, pela sua ideia de desportivismo e depois... pelos seus triunfos.

Principiámos a nossa actividade pelo futebol. Depois entramos no voleibol como campeão de Lisboa, no andebol participando na Divisão de Honra e aliando na Terceira Divisão no basquetebol.

Seguiremos para o atletismo. Há por aqui rapazes às dezenas que querem vestir a nossa camisola e — guardai para o fim esta informação — na próxima época de natação o Oriental inscreverá na Associação 50 nadadores, ou mais. Entre estes lá irão todos aqueles que vencem as águas do rio com extrema facilidade e os que, em salto vistoso, se lançam do alto do mastro de uma fragata. Por esse tempo já no prometido campo da Madre de Deus haverá a piscina, o que será o complemento necessário para impor os nossos nadadores.

Olhando o rio, que aqui vive connosco, pensamos no remo e na vela. Tudo isto se há-de conseguir por a funcionar. Lisboa tem mais um clube que quer prestigiar a sua actividade: o Oriental.



A equipa do Fósforos. Uma saudação!



A equipa do Marvilense — que também desapareceu!



Éis uma recordação do Chelas, um dos tres de que nasceu o Clube Oriental!

Equilíbrio de valores

como bom sintoma

Lutas animadas como consequência...

Crónica de TAVARES DA SILVA



A BRIU a época. Começou o campeonato de futebol de Lisboa, em que participam seis clubes: Benfica, Sporting, Belenenses, Atlético, Cuf e Oriental.

Pelos vistos, vamos ter um torneio em cheio. Assim nos deixa prever a primeira jornada, bem disputada, com ardor e vivacidade, e aspectos de técnica e tática bastante curiosos. Uma competição é tanto melhor quanto mais nivelado estiver o valor dos concorrentes. Veja-se que, logo na primeira jornada, colocados os verdugos de um lado e as vítimas do outro, pelo cálculo do Sorteio, os resultados exprimem igualdade. A excepção do Lumiar A não conta, não só pelas condições da luta, mas ainda porque um resultado de desnível não destrói a ideia geral que expomos.

Atlético..... 4 — Sporting..... 5
C. U. F..... 3 — Benfica..... 7
Belenenses.. 2 — Oriental..... 1

Os desafios agradaram, dando lutas plenas de animação. Em qualquer dos campos, Tapadinha, Salésias e Lumiar A, o problema levou tempo a resolver. A assistência interessou-se, vibrando. Para começo, jogou-se bem. Ou razoavelmente. Os *teams*, no entanto, ainda não estão em forma, e há jogadores nitidamente destreinados. Quer dizer, a qualidade do futebol ainda há-de melhorar muito.

O Benfica dá mostras de ter o seu conjunto afinado. O Belenenses para lá caminha. O mesmo se poderá afirmar do Sporting. Os três Grandes continuam a marcar — dado o grande valor das suas equipas. Mas o Atlético mostra-se um valor com que há a contar. E por sua vez o Clube Oriental vem animar a Prova. A sua primeira interferência assim o diz. Bem sabemos que os primeiros esforços devem apreciar-se com prudência, pois a luta endurece à medida que avança, tornando-se necessário grande reserva de energias para suportar o desgaste proveniente da competição. Em todo o caso, os indícios são bons. O Cuf teve uma estreita desafortunada. Quando, em um encontro, o guarda-redes abandona o terreno, recai no *team* a maior das desgraças.

Surgiram na cena do futebol lisboeta alguns valores novos e habilidosos. O Atlético não nos deu novidades, apesar de ter para estreitar um homem de Montemor. O Sporting apresentou-se com Reis, em substituição de Azevedo, e com Travassos desviado para a

extremidade — pois Albano ainda não apareceu!

No Belenenses, tudo na mesma. E no Oriental aparecem-nos elementos dos três clubes. Passando pela Cuf, com alguns estreantes, vindos das categorias inferiores, e Leitão, do Barreirense, encontramos no Benfica sangue novo: Pinto Machado, da Naval da Figueira da Foz; Félix, da Cuf; Melão, que viera de África no final da época transacta; e Corona, do Luso do Barreiro.

O imprevisto da Tapadinha



O jogo da Tapadinha atraiu uma assistência regular. O desafio prometia! A gente do Atlético é muito dedicada ao clube, e queria tomar o pulso aos seus

representantes. Os adeptos leoninos também não abandonaram o seu *team*. Os grupos formaram como segue.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, José Lopes, Galinho, Manuel da Costa, Oscar, Gregório, Armino e Marques.

Sporting — Reis, Cardoso, M. Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus, Sidónio, Peyroteo, A. Marques e Travassos.

Árbitro — João Santos Marques. O desafio comportou fases muito diferentes, dando várias voltas: primeiro, um curto período de vantagem sportinguita; logo a seguir intenso domínio do Atlético. O intervalo chegou na altura própria para os *leões*. Após o descanso regulamentar, verificou-se a fase da perfuração leonina. Estas bruscas transformações do jogo deram lugar à tristeza dos adeptos, logo transformada em alegria, ou vice-versa.

Julgamos que ambas as equipas cumpriram o seu dever, actuando com energia e sabendo utilizar os seus recursos físicos e técnicos. Da parte dos *leões* notou-se, desde o primeiro momento, o desejo de valorizar o ataque. E a linha avançada deu bom rendimento. Vamos mais longe: jojou bem, mesmo quando não marcou bolas. A verdade é que, sempre que os avançados tiveram a bola nos pés, os sportinguitas organizaram razoáveis lances de ligação. Por vezes, na primeira parte, faltou-lhes o apoio da linha medular. É certo que os médios trabalharam infatigavelmente, mas é processo inconcebível no jogo moderno mandar a bola para a frente, sem conta e colocação, como que dizendo: avênham-se lá com a bola de qualquer maneira... Precisamente porque os dianteiros estão mar-

cados, deve facilitar-se a sua missão, e não dificultá-la.

Quando o reforço médio chegou, a linha atacante dos *leões* trabalhou então em plena eficiência. A defesa do Atlético foi desbaratada e vencida, e a perfuração fez-se sem atritos — passando o Sporting da derrota de 1-4 para o empate e visionando-se a vitória.

O Atlético sabia, de certo modo, o que ia encontrar no plano da tática. E tratou de tomar avisadamente as devidas precauções, distribuindo com acerto e inteligência as suas unidades. Os dois defesas ficaram de guarda aos atacantes teoricamente mais perigosos, os médios- asas cobriram os extremos, e o médio-centro foi destacado para anulação da tarefa do avançado leonino, sem lugar fixo, embora com função certa e determinada. Esta distribuição de forças deu magnífico resultado, e durante um largo período a máquina sportinguita desarranjou-se. A sensação de um grande e inesperado desastre para as cores verde-brancas chegou a pairar no ambiente. Com uma perfeição de movimentos inexecedível, o Atlético dominou o seu adversário, e este perdeu o fio da meada. Quanto mais esbracejava, mais se via preso, e impotente. Nessa altura, se os *Atléticos* são mais expeditos no remate, não sabemos o que teria sucedido...

Mais tarde, porém, já refeitos, e num sistema defensivo que estão mais acostumados a despenhar, os sportinguitas recuperaram o perdido, tendo pelo seu lado dois factores importantes, o vento e a sorte. Mesmo assim, a sua recuperação pode classificar-se de excelente e brilhantíssima. Os desafios também se ganham com boa moral.

Nomes a destacar em um e outro lado: Cardoso, Peyroteo e Travassos; Baptista, José Lopes e Armino.

O Oriental soube lutar!



STO é que nos parece importante: o Oriental soube lutar, não só com a tenacidade dos grupos que desejam impor-se e vibram na luta, mas ainda revelando o fundamento teórico. Já lá vai o tempo em que a boa-vontade ou a genica eram predicados suficientes para um *team* fazer carreira. Agora, não. Os jogadores têm de saber o que lhes cumpre fazer, e não pode deixar de haver uma ideia de ligação do esforço de todos. Em síntese, uma base ou sistema. Uma tática, seja ela que for. Mas uma tática. Ora, o Clube Oriental, ser-

vido por bons elementos, o melhor existente nos três clubes que lhe serviram de base, mostrou um plano a par da capacidade física. De aí o seu nível de jogo digno da Primeira Divisão.

No melhor período da sua movimentação, a equipa impressionou muito bem, ao ponto de colocar em dificuldade um *team* como é o Belenenses. Pôr em cheque a defesa, por vezes, parece-nos coisa de destacar, pois a verdade é que, olhando-se em todo o redor, não se lobriga melhor neste capítulo.

Certamente, o conjunto azul dispõe de uma defesa bem superior ao ataque. A este falta visivelmente força muscular, e essa falta reflecte-se no embate contra o adversário. Os *orientais* bateram-se valentemente no terreno da sua defesa, tirando aos atacantes contrários facilidades de preparação. Sem dúvida, apesar de todas estas observações, não fora o acidente de Feliciano, e especialmente a falta de remate por parte dos belenenses, e o resultado seria outro... mas este último mal já vem acentuando-se há muito! Ainda no domingo anterior, em Estarreja, o extremo Rafael tinha sido o melhor rematador, o que, só por si, vale como indicação no que respeita a marcar *goals*.

Nomes a fixar no Belenenses: Serafim, Amaro, Capela e Armando. No Oriental: Fernando, Morais, França, Carlos Costa e Isidoro.

Actuando como *árbitro* António Rodrigues dos Santos, os grupos apresentaram estas formações:

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

Oriental — Fernando (Fósforos), Rocha (Marvilense), Morais (Fósforos), Isidoro (Fósforos), França (Chelas), Carlos Costa (Fósforos), Roçado (Fósforos), Leitão (Fósforos), Augusto (Chelas), M. Vicente (Ma. vilense) e Moura (Marvilense).

A lei das lesões influi...



VENCEU o Benfica, por uma diferença de quatro bolas. Está dito tudo: venceu bem. Mais uma vez ficou demonstrado que a sua linha avançada é uma das mais realizadoras, e não curamos de saber de momento se a mais realizadora. Não obstante, é indiscutível que a lesão de Eduardo Santos proveniente de choque com Rogério (noutro lugar da nossa Revista, Rogério afirma: o adversário já não me assustou!), influi no desenvolvimento da partida, e mais, também no seu resultado. Julgamos, na verdade, pelos dados recolhidos, que, em qualquer hipótese, o Benfica teria ganho, mas menos expressivamente.

A verdade anda sempre ao de cima de água: os *teams* chegaram ao intervalo empatados. Quer dizer, o Benfica viu-se na contingência de forçar o ritmo de jogo e cedo pôde descansar. Mesmo sem a lesão de Eduardo Santos, é justo acreditar que a Cuf não conseguiria manter o mesmo vigor e persistência. Todavia, à boca da segunda parte, em cinco escassos

Da centena de contos...

do Campeonato do Sul

ao torneio nacional de proporções reduzidas

HA —houve sempre: e a «tecla» temos batido sem fadiga — dois casos perfeitamente distintos no hoquei em patins: o do Porto e o de Lisboa. Na capital do norte joga-se pouquíssimo e são diminutos os clubes praticantes, enquanto que, por Lisboa e seus arredores, contam-se em maior número as equipas e o entusiasmo supera tudo que possa imaginar-se! Estamos em crer, até, que, depois do futebol — desporto coradoado — é o hoquei em patins aquele que apresenta (não, já, pela sua indiscutível posição Internacional, quicé pelo seu natural desenvolvimento) maiores esperanças de futuro promissor.

A esta conclusão, racionalíssima, somos levados devido ao entusiasmo que o público — fiel de balança certíssima — manifesta pelos jogos do hoquei em patins. Mas dói-nos saber que em Lisboa (só duas regiões existem no país que praticam oficialmente a especialidade) o interesse é maior — muito maior! — do que no Porto. Por quê? Isso é que nós não sabemos — mas gostaríamos de o saber...

Assinale-se, por simples curiosidade, que para os últimos os 45 desfechos do torneio sudista, com dez clubes, venderam-se 23.832 bilhetes, e que a receita geral foi de Esc. 107.736. É bonito, não acham, realmente bonito? Mais de uma centena de contos!!! Mas quanto coube a cada um dos clubes? Quase nada...

Se o total dos bilhetes vendidos (jogos, evidentemente) foi de 23.832

e a receita ascendeu a 105.736 escudos, a despesa geral comportou 44.858\$70, ficando, portanto, de receita líquida, apenas 60.877\$30 — mesmo assim muitíssimo bom! Os três clubes que receberam mais dinheiro, todos eles de fora de Lisboa, foram, respectivamente:

Paço de Arcos — Bilhetes vendidos, 5.258; receitas, 23.968\$00; despesas de organização, 6.795\$50; saldo, 17.172\$50.

Hoquei de Sintra — Bilhetes vendidos, 4.985; receitas, 21.485\$50; despesas de organização, 6.432\$30; saldo, 15.053\$20.

Sporting de Oeiras — Bilhetes vendidos, 3.837; receita, 17.282\$50; despesas de organização, 6.545\$40; saldo, 10.737\$10.

Seguidamente — referimo-nos somente aos saldos — figurem: Académica de Amadora, 7.403 escudos; Futebol Benfica, 4.172\$45; Benfica, 4.157\$70; Cascais, 1.399\$10; Ateu, 321\$65; Campo de Ourique, 312\$50; Lisgás, 148\$10.

Em suma: uns receberam (e chegaram-lhes?) mas outros — a maioria — não receberam quase nada; nem sequer o suficiente para a compra de umas simples caneleiras de guarda-redes... De onde se infere que, afinal, o desporto não dá os proventos que se apregoam! Só para contribuições, socorro social incluído, policiamento e pessoal (isto na segunda volta) distraíram-se 17.587\$60 de 61.584 escudos da receita bruta!!! Acrescentem-se as percentagens para a F. P. Polinagem (7.991 escudos) e para a A. P. Sul (5.993 escudos) e deduzo-se — para ver o que fica para os clubes...

E temos, agora, o campeonato de Portugal. É o oltevo — e, como os anteriores, de proporções reduzidas: pois são quatro, à mesma, os concorrentes! Por sinal — precisamente iguais ao de 1945: com Paço de Arcos e Hoquei de Sintra (por Lisboa); Académico e Infante de Sagres (pelo Porto). A competição começou já e deve estar concluída no dia 6 de Outubro. De momento, importa, apenas, «conhecer» o valor dos clubes norteños em relação aos lisboenses — porque quanto ao vencedor (o Paço de Arcos, imbatível há quase um ano, não seria capaz de arredar leiriceiro triunfo consecutivo?), é certo e sabido que só um pode vir a ser... Vislucmos o Infante de Sagres. E ha-de vir até nós o Académico — tal como os dois de Lisboa irão ao Porto. Talvez que no último jogo (entre os campeões) o vencedor se decida... em favor de segundo!

Assinale-se que o Paço de Arcos — na sua melhor temporada de sempre — perdeu pela última vez, com o Hoquei de Sintra, na final de «Taça de Honra-1945», em 12 de Novembro do ano passado! Isto quererá dizer algo? cu dirá tudo? Vamos a ver o que o futuro lhe reserva... Mas oxalá vá até ao fim triunfante e triunfante.

Jorge Monteiro

CAMPEONATOS NACIONAIS

corporativos

NA pista portuense do Lima e com a participação de representantes de Braga, Coimbra, Leiria, Lisboa e Porto, realizaram-se no sábado e no domingo passados os campeonatos corporativos de atletismo, com avultada concorrência, interessante competição e apreciáveis resultados.

A obra construtiva da F. N. A. T., na propaganda e ensino das práticas desportivas entre os trabalhadores portugueses, evidenciou-se uma vez mais, de maneira que se não presta a dúvidas: organização francamente boa, regularidade absoluta e significativas marcas alcançadas por homens que foram iniciados e preparados exclusivamente nos organismos e cursos corporativos.

A superioridade dos lisboetas foi acentuada nas três categorias, mas a réplica dos adversários provincianos nunca desmereceu; a equipa portuense foi a mais fraca no conjunto, cabendo as seguintes classificações colectivas nas 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias respectivamente a Braga, Coimbra e Leiria. A pontuação verificada foi a seguinte:

1.ª Categ.: Lisboa, 121 pontos; Braga, 53 p.; Coimbra, 32 p.; Porto 6 pontos.

2.ª Categ.: Lisboa, 116 pontos; Coimbra, 55 p.; Leiria, 18 p.; Porto, 14 pontos.

3.ª Categ.: Lisboa, 106 pontos; Leiria, 53 p.; Porto, 32 p.; Coimbra, 19 p.; Braga, 13 p.

No total: Lisboa, 343 pontos; Coimbra, 106 p.; Leiria, 71 p.; Braga, 66 p. e Porto, 52 pontos.

Os representantes da capital ganharam todas as estafetas e nas provas individuais deixaram apenas escapar estas provas: os 80 metros da 1.ª categ., ganhos pelo bracarense Fernandes; o dardo na 2.ª categ., que o leiriense Marques venceu com 39,07 m.; na 3.ª categ., os 1000 metros muito bem ganhos pelo portuense Brito, com 2 m. 5,1 s., o salto em altura, que foi para o leiriense Santos com 1,55 metros e o lançamento de disco, que outro leiriense, Gonçalves, venceu com 29,80 metros.

Entre os resultados dos lisboetas só de realçar: os 13,31 metros de Feliciano no lançamento do peso de 5 k.; os 32,43 metros de José Luis Fonseca no disco, batendo Lélío Ribeiro; os 9,3 s. de Alexandre nos 80 metros; os

38,6 s. do G. A. M. na estafeta 4x80 metros pelas excelentes passagens de testemunho entre os componentes da equipa; os 38,2 s. nos 300 metros e 6,70 metros em comprimento de Alvaro Dias e os 9 m. 21,4 s. de Araújo nos 3000 metros.

No aspecto técnico do torneio não pode omitir-se referência ao excelente desempenho de funções do juiz de partida Afonso Salcedo, que se confirmou o mais seguro elemento de que dispomos em Portugal para não melindroso cargo. Sereno e autoritário, dominou por completo os corredores, retendo-os nas suas posições até ao soar do tiro sem necessidade de punir, porque lhes ganhou absoluta confiança.

Pode afirmar-se com propriedade que os corredores partiram quando o juiz quis, e não o tiro a soar quando os corredores o provocavam.

O regulamento geral do torneio, que ano a ano vai sendo aperfeiçoado pela lição da experiência, apresenta ainda alguns pormenores que requerem estudo correctivo; sobretudo na classificação dos participantes por categorias.

A presença de antigos filiados na categoria dos iniciados, mesmo com a reserva de afastados de provas oficiais há pelo menos duas épocas, não nos parece aconselhável; e a incorporação de todos os atletas em actividade clubista na 1.ª categoria também carece de separação, pois não faz sentido equiparar seniores e internacionais a simples principiantes.

Outro problema a estudar será o da classificação colectiva, que não é lógico obedecer a separação de Centros, desde que não é livre a inscrição de atletas; resumida a presença regional a dois homens por zona, apenas deve prevalecer uma classificação também por zonas.

Amadeu Seabra

Amadeu Seabra, nosso bom amigo e proprietário da «Stadium», fez anos na passada segunda-feira. Por tal motivo, todos que trabalham sob as suas ordens e nas suas realizações, felicitaram-no calorosamente e ofereceram-lhe um presente, modesto, é certo, mas traduzindo o respeito e a estima que todos votam a um homem que, além de chefe, sabe ser amigo.

Assinem a STADIUM

Ano IV — II Série

Lisboa, 18 de Setembro de 1946

N.º 198

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Diretor e Editor: DR. GONÇALVES DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidade João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51146 — LISBOA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA



Espirito Santo, como quase todos os jogadores, em dia de futebol, come pouco. Mesmo assim, está bem disposto!

Os "ases" no seu ambiente antes do primeiro pontapé!

- Oiça Rogério, já lhe passou essa ideia de abandonar o futebol?
- O que lá vai, lá vai.
- Espera fazer boa figura?
- Estou confiante e tenho a impressão de que vou fazer uma boa época.
- O Benfica?
- Deve ter comportamento muito bom.
- Voltarão a dizer esta época que você tem medo?
- Não dizem. Eu já perdi o respeito ao adversário.
- Voltámo-nos para o irmão:
- Que lhe parece o Oriental?
- Uma boa iniciativa que vai ser coroada de êxito. Claro que por enquanto as aspirações são poucas, mas daqui a algum tempo os Groudas têm de contar com o Oriental.
- Demos uma volta por Xabregas, Poço do Bispo. Pelas ruas notava-se movimento extraordinário. Vivía-se momentos de entusiasmo. Grupos e grupos — famílias inteiras até — enchião num repente os carros directos a Belem. Foi a nota mais interessante deste primeiro dia de futebol oficial. A popularidade do jogo da bola ligava-se especialmente bem ao ambiente popular daquela parte da cidade.

TODOS os elementos interessados no grande jogo tiveram no domingo o seu primeiro dia de especial actividade, desde o jogador até ao entusiasta anónimo, perdido na multidão da geral — sector irreverente, mas o mais verdadeiramente dedicado. Também para nós o dia de bola começou cedo, logo de manhã calculando Lisboa a saber o que faziam alguns dos jogadores nesta primeira manhã de futebol, os olhos postos num título de campeão.

E fomos — o Jorge Garcia, de «Leica» atenta ao primeiro momento — até ao bairro de Belem, a uma rua sossegada, já a caminho de Ajuda, donde se via uma larga faixa do Tejo.

— O Feliciano está?

A surpresa causada por visitantes tão madrugadores foi premiada por outra que de momento nos intrigou:

— O Feliciano foi para o Porto!

Ah! Pelos vistos, o «nosso» Feliciano deu-se ao prazer das viagens. Rio de Janeiro, Coimbra, Porto...

E o campeonato principiava à tarde.

Abalámos em procura de um ídolo benfiquista. Encontramo-lo num terceiro andar de um bairro de condição distinta. Pacatamente o ídolo tomava a sua refeição, já um pouco forte, iniciada por um caldo apetitoso. Era o Espírito Santo. Levantara-se cedo e metido no a-vontade do seu pijama de riscas «grenats» para ali andaria até ir para o campo, o corpo a descansar pelos «maples» tentadores, compondo o mobiliário verde (!) da sala.

— Acha que «isto», vai principiar bem?

— E porque não? Retomámos o contacto com a bola, sem nervosismo, e confiantes nas nossas possibilidades.

Pouco depois entrámos num quarto fortemente envolvido em tons encarnados. Era o do sportinguista Alvaro Cardoso.

O capitão do «team» nacional estava já pronto para sair. Surpreendemo-lo arrumando a sua mala, cuidadoso com os seus «indispensáveis» para o jogo.

— Que pensa do campeonato?

— Como não há uma finalidade, a animação vai ser uma coisa muito relativa.

Entusiasmo do público, deve haver. Continua fiel às suas preferências e ao jogo.

No entanto, de uma maneira geral, a época deve ser rodeada de grande movimento, especialmente atendendo a que temos um calendário de jogos internacionais de muito valor.

Quando daqui a dez meses vier arrumar esta mala, pensando em novo período de descanso no futebol, tenho esperança que hei-de estar satisfeito, com o futebol, com o Sporting e comição...

Subimos depois a um terceiro andar. Um quarto arejado, confortável, duas janelas abertas por onde a vista, se perde até se fixar, à direita, nas muralhas históricas do Castelo de S. Jorge e à esquerda, lá ao fundo, no rio azul com reflexos de prata.

Mariano Amaro já está acordado, mas deixou-se ficar, em repouso, os músculos em descanso, que têm de estar em completa acção no jogo da tarde. A telefonia transmite-lhe o programa da manhã da Emissora. Entre os dedos um cigarro para ajudar a pensar nos 90 minutos de jogo que Amaro tem de disputar.

— Vocês desculpem não interromper o repouso. Até ao meio dia e meia hora deixo-me estar para aqui, descansado. Depois uns movimentos de ginástica, o almoço, e o resto fica para a relva das Salésias.

— O Feliciano foi para o Porto?

Amaro sorri.

— Não há novidade. Logo lá estará.

— Este campeonato?

— Deve decorrer normalmente. Tem uma razão, o título de campeão de Lisboa. Já é uma finalidade. Vamo-nos bater por ela! E tenho cá uma fé que o Mariano Amaro vai ser campeão de Lisboa.

Deixamos o «capitão» dos belenenses a cumprir o seu horário de repouso. Metemos direito à Estrada de Chelas. Não queríamos dispensar Rogério desta visita. Lá estava, vestindo pijama todo branco, estirado na cama sobre a colcha de um vermelho escuro compondo-se assim as cores que defende no desporto. E ofereceu-nos uma surpresa. A seu lado, em conversa pegada, o seu irmão, o Armínio França, o habilidoso «half» de Chelas, agora no Oriental. Trocavam de facto impressões sobre os seus dois jogos — eles o confessaram.



Cardoso, como todo o grande jogador, tem os maiores cuidados com a ferramenta do officio!



Amaro repouza. De aqui a algumas horas trabalhará até demoradamente...



Rogério, um ídolo, conversa com seu irmão, o médio-centro do Oriental, no pa. do domingo antes dos jogos! Fala-se de futebol...

Ser porteiro, hoje em dia, não é lá qualquer coisa! Há uma variedade infinita de bilhetes e de cartões. E muitas manhas para passar — sem bilhete. Este adepto é, no entanto, dos que pagam... Sabe-se lá com que sacrificio!

FERNANDO SÁ



Nesta inédita fotografia de Conchita Cintron, obtida por José Maria Salinas na última corrida de touros de Vila Franca, revela-se, a par da gentileza da rejoneadura e toureira peruana, a decisão que a caracteriza, num ritmo enérgico, não isento de certo nervosismo, entre a curiosidade da objectiva e o interesse do que se passa na arena

EM 1936 apareceu em Lisboa com D. Rui da Câmara uma menina que fora sua discipula no Peru, Conchita Cintron. A pedido de D. Rui fui então ver Conchita experimentar-se com cavalos e bezerras de João Nuncio na sua casa de Alcacer. A seguir, quando ela, dias depois, se apresentou em Alges, escrevi o que a sua actuação permitiu e a velha amizade por D. Rui me ditava. D. Rui toureava desinteressadamente as corridas de 1924 em que D. António Cañero estava anunciado, e fora nosso companheiro em corridas que organizámos em Badajoz e em Cordova.

Depois, Conchita regressou à América e começaram chegando noticias dos seus êxitos ali, especialmente no seu Peru e no México. De novo em Portugal verificamos, na tarde da sua apresentação no Campo Pequeno, que tais êxitos se justificavam por um notável desembaraço a cavalo e por uma extraordinária valentia a pé, imprópria do seu sexo, mas com



Devem as MULHERES? tourear a pé?

toda a graça feminina. Não era apenas uma mulher toureira, como tantas têm aparecido, até cá. Era um caso sério, dentro do seu sexo, e assim o escrevemos então, sem que a consciência nos doésse ou doa.

Houve quem discordasse do «caso sério», e o meu querido colega Tavares da Silva, a quem pedi para me substituir na critica da segunda apresentação de Conchita, foi muito felicitado ao revelar aquela discordância. Talvez que tivessem razão os que discordaram; mas, não me arrependi, nem arrependo. Tudo o que de agradável se possa escrever acerca duma senhora, está bem, sempre bem. E não é preciso que a senhora o agradeça, nem que depois manifeste a menor prova de reconhecimento nem mesmo o convite para uma festa oferecida. O que é preciso é que o tenham feito; e eu «fize-os», como dizia o Cabo Elísio.

E, repito, não me arrependi, nem a consciência me doeu, porque assisti, em Sevilha, à primeira apresentação de Conchita em Espanha, e aquilo foi um «caso sério». Cañero, que foi vê-la comigo, gostou, gostou a valer, e também Belmonte, com quem depois a viu no Campo. E um critico — tauromáquico de Sevilha escreveu o mesmo que eu, aquillo do «caso sério». Tão sério que Marcial Lalanda, seu «apoderado», começou nessa mesma noite a pedir mais que o dôbro do que ela ganhara em Sevilha, e contratou muitas corridas, e este ano mais do que nunca.

Depois voltei a vê-la várias vezes, a cavalo e a pé, em Portugal, e em Espanha só a cavalo, porque ali está vedado às mulheres correrem os riscos do «espada», os de morrerem ou matarem.

E este é o tema que deixamos esboçado nesta crónica: devem as mulheres tourear a pé, sem a defeza do cavalo?

Podem os homens assistir com dignidade ao perigoso espectáculo que oferece uma mulher diante dum touro, ou dum novilho? Em que situação fica o macho quando, em lugar seguro, vê a femêa em risco? Que há-de fazer um homem quando vê uma mulher ser colhida, ultrajado o sexo fraco? E pode um homem fraco, em tais casos, saltar à arena e matar o touro?

Resposta: não pode até porque é proibido. E por isso é proibido que as mulheres tourelem a pé.

EL TERRIBLE PEREZ



Conchita Cintron, a cavalo, em Vila Franca de Xira, recebe a farpa que lhe ofereceram o cavaleiro português Dr. Fernando Salgueiro e o matador de touros Pepe Luis Vazquez, ambos acompanhando a cerimônia com as atitudes devidas a uma senhora que é também uma valente toureira

Conchita Cintron toureou a pé na corrida de Vila Franca, e tão bem que foi ovacionada em volta ao anel. Mas, antes foi colhida, ainda que suavemente como se o touro lhe advinha-se o sexo. E o espectáculo da colhida duma senhora é sempre penoso para os homens que das bancadas a vêem sem lhe poderem acudir, como seria deus de cavalheiros

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Um campeonato mundial

CARDIFF, a cidade carvoeira do País de Gales, viu jogar para o campeonato do mundo da categoria «pesos-leves» o preto americano Ike Williams, titular, e o campeão da Grã-Bretanha, Ronnie James.

Williams é um soberbo atleta: veloz, resistente e científico. Em Julho, batera por K-O, em 5 assaltos, Bobby Ruffin, e depois fizera outro tanto a Enrique Bolaños, em 8 rounds.

Ronnie James, embora bom jogador, esteve ausente dos rings cinco anos, servindo nas fileiras do Exército e lutando pela salvaguarda do seu país.

O combate foi rijamente disputado, mas a superioridade física do preto americano permitiu-lhe ganhar por fora-de-combate ao 9.º assalto, na presença de 45.000 espectadores.

A reparição de Paolino

FOI totalmente destituída de brilho a exibição-combate que o outrora célebre pugilista vascoço, Paolino Uzcudun, realizou contra Rodolfo Diaz, do Escorial.

A luta travou-se «sem-decisões», mas o domínio de Uzcudun, graças a 14 quilos de diferença vantajosa, foi apenas ligeiro no fim dos 8 assaltos.

Brilhante vitória de Alejos

O pugilista galego Alejos e o madrilenho Martos enfrentaram-se em Madrid para dirimir uma questão de supremacia. Alejos (que o público lisboeta não conhece, mas o português apreciou...) venceu Licínio Passos duas vezes, por fora-de-combate, tendo combatido contra Romero para o título dos «semi-leves».

Desta feita, Martos, apesar dos ataques em furacão e do ligeiro domínio pontual que manteve até ao 6.º período da batalha, foi posto a dormir à saída de um corpo-a-corpo, por mercê de um soco curvo, da direita, em pleno maxilar.

Inácio Ara destituído do título

O campeão de Espanha dos «médios», Inácio Ara, perdeu o título em presença da balança, recusando pesar-se para enfrentar em privado o pretendente-oficial: Eloy Lafuente.

O campeonato fica sem detentor, mantendo-se a posição de Eloy como aspirante ao troféu.

Uma vitória de London

O boxador Jack London, antigo campeão de Inglaterra (pesados), bateu na cidade sul-africana de Durban, ao 6.º assalto, o pugilista Joe Foord. Este último é irmão do falecido Ben Foord, que foi campeão do Império Britânico e se suicidou ao reconhecer a moléstia incurável que adquiriu no exercício da sua carreira profissional.

NOTA DA SEMANA

EM Inglaterra, desde o mês de Setembro até Maio, o futebol predomina numa área e preenche uma dose de tempo consideráveis.

Para que o leitor faça ideia, pondere que cinco milhões de criaturas, pelo menos, dissipam energia a chular em bolas de couro nos relvados do país, envergando camisolas multicoloridas segundo as suas preferências clibustias.

Define-se o papel importante que lhe cabe na vida do povo por meio da seguinte frase: «o operário inglês suspenderia uma greve geral para assistir ao desafio da Taça».

Juntamente com a atracção que o desporto exerce sobre os apaixonados do espectáculo, nasceu há anos uma indústria nova, a maior de toda a Inglaterra, movimentando por ano uns quarenta milhões de libras. É o jogo dos prognósticos.

Melade dos habitantes das Ilhas, tendo na mão uma cartolina impressa e noutra um lápis, escuta avidamente na noite de sábado os resultados dos desafios, compara-os e anota-os com as suas previsões.

Sob o império de frases feitas, tais como: «Você pode ganhar uma fortuna arriscando um tostão», os pools ou montes permitem fazer a riqueza dos banqueiros e chegam a dar 19.000 libras por uma simples moeda de dez centavos.

O mais extraordinário é que ninguém deposita antecipadamente qualquer quantia. Apenas escreve um postal com o seu prognóstico e menciona quanto deseja... subreptivo. A lei inglesa proíbe negociar em apostas e por isso a palavra apostador é subtilmente evitada. São indispensáveis dois requisitos: a maioridade do concorrente e o desconhecimento mútuo entre o banqueiro e o cliente.

Uma vez isto realizado, fica salva a dignidade da lei.

O Parlamento já chegou a ocupar-se com o assunto, pois a estatística — uma ciência particularmente minuciosa e aborrecida... — prova que as possibilidades de apanhar a talada são de 1 em 40 milhões!!!

Mesmo assim, o número de concorrentes aumenta. Quem perde, envia o dinheiro uma semana depois, pelo correio. Aqui surge uma pergunta: quem quiser exime-se ao pagamento!

Sem dúvida. Mas o seu nome é riscado do arquivo da firma e vai parar à lista negra geral, que todos os industriais dos pools conscienciosamente organizaram.

Para se ver a importância do negócio, saiba-se que o Littlewood, de Liverpool, começou, em 1934, transaccionando num cubículo miserável e hoje dispõe de quatro edifícios enormes com cinco mil empregados.

Até parece fantástico!

R. B.

TÊNIS

O Campeonato Americano

OS campeonatos de ténis dos Estados Unidos, que se efectuam nas pistas de Forest Hills anualmente, terminaram há poucos dias com a vitória de Jack Kramer.

O resultado é um tanto inesperado, pois se supunha que Frank Parker lograsse conquistar o título, à semelhança do que sucedeu em 1944 e 45.

Nos quartos de final da prova masculina, o equatoriano Pancho Segura eliminou o campeão da Argentina, Alexio Russel, por 6/2, 6/2, 5/7, 6/4; Gardner Mulloy venceu Norman Brooks por 7/5, 6/2, 7/5; Frank Parker derrotou Seymour Greenberg por 6/3, 6/3 e 6/2; Tom Brown ganhou a Eddie Flak por 6/3, 6/2 e 6/2; Donald Mc Neil (campeão em 1940) pôs fora do torneio o francês Pierre Pellizza por 6/4, 12/14, 6/1 6/8 e 8/6, num dos mais renhidos desafios da prova.

Na final, para que foram apurados Jack Kramer e Tom Brown (vencedor de Parker), o primeiro derrotou o jovem californiano por 9/7, 6/3 e 6/0.

Em pares mistos, a vitória coube a Miss Osborne e Billy Talbert, pela quarta vez consecutiva, e em singulares femininos, a senhorita Paulina Betz derrotou Miss Doris Hart.

CICLISMO

Um recorde intacto

JACK SIMPSON, excelente corredor de bicicleta, tentou pela segunda vez apoderar-se do recorde da hora (amador), que está em nome de Frank Southall desde 1926, com a distância de 26 milhas e 838 jardas (42.609 km.)

A tentativa efectuou-se pela madrugada, na pista de Paddington, mas falhou, por motivo de forte ventania que surgiu.

NATAÇÃO

Dois recordes mundiais

A nadadora holandesa Nel Van Vliet requereu à Federação Internacional o reconhecimento de dois recordes, batidos na cidade da Haia. O primeiro, 100 metros (bruços) em 1 m. 11,1 s. e o segundo, 200 metros da mesma modalidade, em 2 m. 35,6 s., melhoram os «tempos» anteriores em 1,2 e 5,2 segundos, respectivamente.

FUTEBOL

O Campeonato das Ligas Inglesas

OS clubes londrinos, nomeadamente o Arsenal, o Charlton Athletic, o Chelsea, o West Ham, o Tottenham e o Brentford têm-se visto algo atrapalhados para manterem uma posição à altura dos seus créditos.

Na cauda 1.ª Divisão figuravam o Arsenal, o Huddersfield e Aston Villa, todos com 2 derrotas e um balanço de golos negativo, mas no sábado (7) o clube de Highbury conseguiu empatar com o Sunderland (2-2), o Aston Villa bateu o Derby County, vencedor da Taça (2-1), e só Huddersfield perdeu com Brentford (2-1) fora de casa.

A assistência popular é sempre considerável e cresce de modo muito impressionante. Registraram-se 1.013.197 entradas para presenciarem os 44 desafios do dia.

O Newcastle, depois de duas

vitórias fora de casa, empatou com o Swansea Town (1-1). Só o Manchester United, o Blackpool e o Middles conseguiram, na 1.ª Liga, três vitórias, e o Rotherham e o Doncaster, na 3.ª (Norte), outro tanto.

É certo que o campeonato está ainda bem no seu início, mas a dureza da prova manifesta-se desde o primeiro dia, categoricamente.

ATLETISMO

O recorde das 100 jardas igualado

A Federação Internacional de Atletismo Amador reconheceu o tempo conseguido em 15 de Maio de 1931, na Cidade do Cabo, pelo corredor J. Joubert, que percorreu 100 jardas em 9 segundos e dois quintos, igualando o recorde de C. H. Jeffrey, Wykoff e Jess Owens, americanos.

Há quem defenda as fusões a torto e a direito. Tanto importando haver razões a favor como contra. A fusão é apresentada como elixir milagroso, que tudo cura e sara, desde a deficiência económica à falta de atletas...

Continuamos a manter uma opinião um pouco diferente da maioria. Para não fugir à regra.

Em certa cidade do país, por exemplo, propôs-se a fusão de dois clubes, inimigos irreconciliáveis, com o argumento de que da junção sairia um clube mais forte.

Em conversa com um desportista dessa cidade, dizia-nos ele, vivamente irritado, com certa ironia:

— Deixem-nos viver tranquilos. Porque não aplicam em Lisboa o mesmo critério? Da fusão do Benfica e do Sporting devia resultar, por certo, um clube formidável...

Sobre fusões e sua defesa, ao modelo do Allético, já clássico, junta-se agora o Clube Oriental de Lisboa, a lógica resultante da coligação Fósforos, Chelos e Marulense. Eis um caso em que a fusão nos parece inatacável, e desejamos ardentemente que os frutos da operação sejam aqueles que todos esperamos e pre vemos.

O Clube Oriental apresenta no Campeonato da Primeira Divisão o campo de Marvila. Todos os outros concorrentes mantêm os seus terrenos de jogo.

Os campos indicados pelos participantes da Segunda Divisão são os seguintes: Sacavenense — Sacavem; Arroios — campo Manuel Ribeiro da Silva; Casa Pia — Amadora; Estoril Praia — Amoreira; Futebol Benfica — Francisco Lázaro; Operário — Campo Manuel Ribeiro da Silva.

Afigura-se-nos interessante confrontar os preços dos bilhetes das duas Divisões da Associação de Futebol de Lisboa.

Primeira Divisão: bancada central, 20\$00; lateral, 15\$00; superior, 10\$00; geral, 6\$50; camarote, por cada lugar o preço da bancada central.

Segunda Divisão: bancada numerada, 8\$00; superior 7\$00; geral, 4\$50; senhoras, 2\$50.

Uma das grandes questões da época passada era a dificuldade que os adeptos dos clubes visitantes tinham, em desafio-grande, de adquirir bilhetes para ver o jogo. Os clubes chegavam, mesmo, a entrar no capítulo das realiações...

«Quando fomos jogar contra o clube X tivemos apenas 200 bilhetes; pois agora que o clube X vem ao nosso campo dar-lhe-emos somente 20 bilhetes», — e assim por diante.

Durante esta época, o fornecimento de bilhetes continua a ser feito pela A. F. L., mas este Organismo resolveu o conflito — parece, pelo menos! — determinando o seguinte:

«Quando o clube visitante assim o desejar terá direito a 1/3 da locação, desde que requisite os bilhetes até às 18 horas da quinta-feira anterior ao jogo».



Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

MANTENHAM-SE OS REGIONAIS!

Só há vantagens em que os distritais qualifiquem para o Campeonato Nacional

HOUVE uma altura em que a Primeira Divisão do Campeonato Nacional como que era uma repetição do torneio lisboeta! Limitada aquela competição a poucos participantes, Lisboa delinha a talhada de leão. Ela só dava mais concorrentes do que o resto do país. E todos nos lembramos ainda dos argumentos que durante muito tempo serviram para que não se alargasse a Primeira Divisão, abrindo-se desse modo novas perspectivas ao futebol português. Foi uma luta que, nem por pacífica, deixou de ser intensa. Vencendo afinal o que era justo, e a justiça nessa hipótese concreta metia-se pelos olhos dentro...

Com a evolução operada, dir-se-ia que uma lufada de ar novo entrou no futebol português, e a chamada dos clubes da Província à maior das competições trouxe, incontestavelmente, benefícios para o jogo. A divulgação do futebol e o entusiasmo que actualmente agita o país são bem uma das suas mais salubres consequências. A máquina da Organização não sofreu alterações de vulto durante épocas sucessivas, mas, logo que se fizeram sentir os frutos de uma modificação importante, outras se sugeriram — como que em ajã revolução radical. Agora está na moda voltar-se ódio de morte aos campeonatos distritais, que tão bom papel têm desempenhado entre nós. Pretende-se despi-los de toda a razão de existência, e tirar-lhes o que lhes dava interesse e vida. Os distritais eram o degrau para o Campeonato Nacional, e de repente ficam vazios... Todos dizem que se deve adoptar o figurino espanhol (algumas vozes da crítica se levantam mesmo em Espanha contra o sistema!), dando lugares vitalícios aos clubes da Primeira Divisão. Os torneios do distrito não qualificam e não servem para nada: dão o título de campeão de distrito, sem quaisquer outras consequências, e bem poderá acontecer ficar de fora o campeão apesar de sua região ou distrito ter representação. Dá-se já o caso pitoresco de um clube da Segunda Divisão da Associação de Lisboa estar na Primeira do Campeonato Nacional, ficando de fora outros mais classificados regionalmente.

A verificar-se a regulamentação dos campeonatos, tal como se diz e propõe, os Campeonatos Distritais estão condenados e há terras em que vão decorrer sem o mais pequeno interesse, não servindo de estímulo para os clubes, nem para os jogadores nem para os adeptos. Vários clubes, por esse país fora, já fizeram saber às suas Associações que se impunha a remodelação do torneio regional, cientes de que as assistências vão diminuir e de que é preciso também diminuir os encargos, reduzindo na medida do possível as deslocações e outras despesas.

Em compensação, em Aveiro, por exemplo, nunca o Campeonato Regional se apresentou com as cores actuais, e isso deve-se, sem dúvida alguma, à acertada decisão federativa incluindo o campeão aveirense no Campeonato Nacional. Por toda a parte, dando-se o mesmo fenómeno — aconteceria o mesmo. Até em Lisboa, que apureva quatro clubes, já tivemos ocasião de observar que a conquista do quarto lugar era um motivo de interesse da competição!

Parece-nos, portanto, que um tão importante passo não deve dar-se sem medir e pesar bem todos os prós e contras, vendo-se a vantagem que há em tirar aos campeonatos distritais a sua aliciente e deveras importante função de puramento (não vemos que vantagens advêm do facto!), e ao mesmo tempo se há mal algum em conservar-lhe essa qualidade. Que mal haverá?

CORRE QUE...

Num desafio da Primeira Divisão verificam-se as seguintes percentagens: A. F. L. 10%; Segunda Divisão 5%; Terceira Divisão 3%; clube visitante 41%; e visitado 41%.

☞ O Clube Oriental de Lisboa adoptou a prática inglesa de números nas costas dos jogadores, para mais fácil identificação.

☞ O S. Seleccionador Nacional tem amanhã, à tarde, uma reunião com a Federação de Futebol para troca de impressões sobre vários assuntos que se prendem com o Grupo português.

☞ O Belenense, tal como no passado, adoptou uma medida uniforme para todos os seus jogadores, concedendo-lhes a mesma verba ao assinar da ficha e aumentando igualmente o vencimento a todos.

☞ Parece desfeita a nuvem que, por algum tempo, ameaçou separar as boas relações entre dirigentes e jogadores categorizados do Sporting.

☞ O Beira Mar, que vem fazendo um grande esforço para conseguir um «team» à altura de vencer o campeonato regional, ficou muito sentido com o Belenense por este não lhe ceder o seu «reserva» Teixeira da Silva.

☞ Lippo Hertka está satisfeito no seu novo posto de treinador do Estoril Praia. Os jogadores correspondem.

Há resposta para tudo...

P. 435 — Corre o boato de que Alcino, do Vitória de Guimarães, ingressará no Benfica. Será verdade?

P. 436 — Qual será o melhor defesa: Cerqueira, do Benfica; ou Vasco, do Belenense?

P. 437 — Consta que Mateus, Raul Silva e Valongo, do Estoril Praia, vêm para o Vitória de Guimarães. Que nos diz? (Dois benfiquistas de Campelos).

R. 435 — Não acredite. Ainda que não haja polvora sem fumo...

R. 436 — E' difícil. Deite uma moeda ao ar, e resolva. Se não quiser fazer assim, escolha o Vasco, do Belenense.

R. 437 — Não acredite. O Estoril precisa desses jogadores.

No "team" do BENFICA Revelaram-se novos valores...

Um guarda-redes improvisado
tambem sabe defender! Ele é
substituto de Eduardo Santos em
ação



Os jogadores da Cuf, apesar de terem ficado
sem o titular das redes, defendem-se com
energia



Eduardo Santos, ao executar
uma defesa de mergulho



Dois jogadores em salto
à bela. Um deles é o popu-
lar Julinho!

Correia prepara-se para a defesa. Baptista colabora. Repare-se na movimentação de todos os jogadores metidos no lance!



Na TARADINHA disputou-se um Grande jogo!

Todo o Sporting ao ataque. Os médios transformam-se facilmente em atacantes. E' o caso de Barrosa!



Kels, o guarda-redes dos leões, livra-se de um ataque impetuoso...



Cardoso vai intervir com a sua especial autoridade!



Análise da temporada de 1946

I — Corredores de velocidade

TERMINOU no domingo passado, com os campeonatos nacionais corporativos, a temporada de 1946 do atletismo em pista; é boa altura para lhe analisar o merecimento, na certeza de chegarmos à conclusão que, embora tendo tido algumas desilusões, deixou também motivos para regozijo, baseados numa impressão geral de progresso.

No decurso destes comentários recolhemos os elementos suficientes para formar juízo definitivo, mas, antecipando-nos, poderemos desde já escrever que o atletismo português continua a progredir tecnicamente, mas luta contra dificuldades de ordem pedagógica, de expansão e de recursos materiais.

Segundo o mesmo plano dos anos precedentes, vamos apreciar de início os resultados obtidos nas diversas especialidades, passando em revista os valores existentes, estudando suas possibilidades para futuro.

A velocidade para, na distância clássica dos 100 metros, foi sempre a prova onde os portugueses registaram marcas muito superiores às das restantes provas de de corrida ou de concurso. Este ano não fugia à regra e os cronómetros marcaram mesmo, em circunstâncias particularmente favoráveis, que se anotam mas não poderão ser levadas em conta para efeitos legais.

A ajuda do vento forte favorável influiu efectivamente nalguns resultados e a falta de anemómetros — apesar de uma determinação superior da D. G. D. que torna obrigatória a medição da velocidade do vento — impediu nestes casos que se verificasse uma das condições indispensáveis de homologação e, ao mesmo tempo, se colhesse o argumento material irrefutável que faria calar a insistência interessada do único jornalista que não deu pelo vento, certamente porque acumula a sua missão crítica com as funções de treinador do atleta interessado.

As marcas dos melhores corredores de 100 metros da época foram:

Tomás Paquete (Benfica): 11,2 s. (9-VI); 10,7 e 10,5 s. (30-VI); 10,9 e 10,6 s. (14-VII); 11,4 s. (28-VII).

Manuel Nâncio (Sporting): 11 s. (30-III); 10,9 e 10,7 s. (30-VI); 11,1 e 11 s. (14-VII); 11,3 (28-VII).

Edgard Tamegão (Académico): 11,1 s. (30-III); 11,1 (6-VII); 11,1 e 10,9 s. (14-VII).

Carlos Mendonça (Benfica): 11,2 e 11 s. (30-VI); 11,2 e 11,3 s. (14-VII).

Nuno Moraes (Braga): 11 s. (6-VII).

Eugénio Eleatério (Benfica): 11,6 e 11,2 s. (14-VII).

Com os seus 10,5 s., Paquete é

o primeiro português que atinge os 1000 pontos finlandeses; no entanto, a proeza não foi sequer proposta à homologação, porque nesse dia o vento soprava fortíssimo no Estádio Nacional.

A mesma razão obsta à consideração dos 10,7 s. de Manuel Nâncio e aos 11 s. de Mendonça, conseguidos na mesma ocasião.

Na tarde dos Nacionais a força do ar não era tão forte e soprava em rajadas; como impressão pessoal, direi que no momento da final dos 100 metros houve acalmia relativa e os tempos se devem aproximar da verdade, mas a falta do tal anemómetro obsta a qualquer registo oficial.

Como argumento em favor deste critério jogam ainda os tempos de Nâncio: 11 s. estão perfeitamente ao alcance da forma pouco aparada que mostrou durante a temporada, mas 10,7 s. julgo-os impossíveis de obter pelo corredor leonino de 1946.

De qualquer maneira que se considere a tabela de resultados, a superioridade de Paquete e a sua classe internacional não são susceptíveis de dúvida. Progrediu muito o pequeno corredor

benfiquense e o facto de haver falhado o título ibérico em nada afecta o seu valor e predomínio. Peralcalos, saedem ao melhor.

Manuel Nâncio, cujo treino parece ter sido pouco cuidado, ficou abaixo das suas totais possibilidades; venceu o campeonato ibérico, com absoluto merecimento, embora em fraco tempo, cujas razões a devido tempo tentámos explicar.

Carlos Mendonça, o novo de melhor classe que sabia este ano das categorias inferiores, melhorou bastante e deve melhorar ainda muito mais. Parece ser, de momento, o homem de amanhã.

Estes três corredores, com Edgard Tamegão — atleta completo de excepcionais faculdades — conquistaram em Barcelona o recorde ibérico da estafeta 4 x 100 metros; justo prémio do seu valor, mas que não traz ainda o que poderia ser, porque as transmissões nem todas foram como deviam.

Nos 200 metros, como é de tradição, as marcas são bastante inferiores; os nossos corredores de velocidade valem, nos 100 metros, uma média de 150 pon-

tos a mais do que nos 200 metros. A razão só pode ser uma insuficiente preparação, que não permite adquirir a resistência suficiente para manter durante a segunda centena de metros do percurso a velocidade natural que impera quando a distância é de metade.

Os melhores tempos da época foram:

José Sampaio Peixoto (Académico): 22,8 s. (24-VI e 30-VI); 22,5 s. (13-VII); 23,4 s. (28-VII).

Manuel Nâncio (Sporting): 23,1 s. (24-VI); 23,4 s. (7-VII); 23,1 s. (15-VII); 22,9 s. (28-VII).

Nuno Moraes (Braga): 23 s. (30-VI); 23,4 s. (13-VII).

Edgard Tamegão (Académico): 23,4 s. (29-III).

Eugénio Eleatério (Benfica): 23,4 s. (7-VII).

Bastos Machado (Braga): 23,6 s. (30-VI).

Borges da Silva (Benfica), Travassos (Sporting) e Armando Moraes (Académico): 23,7 s. (7-VII).

Domingos Canhão (Sporting): 23,8 s. (13-VII).

Os sportinguistas Travassos e Canhão são os únicos elementos novos que aparecem no rol; mas o segundo é fundamentalmente um corredor de 800-400 metros e o primeiro tem o seu futuro de atleta comprometido pela sua actividade futebolística.

O novo que mais confiança nos merece é, ainda, Carlos Mendonça.

Sampaio Peixoto não progrediu, porque não trabalhou com o necessário espírito de sacrifício; é um belo corredor da distância, que vale com certeza 21,5 s. quando a sua vida lhe permitir um treino rigoroso e aturado.

Salazar Carreira

PUGILISMO PROFISSIONAL

Bom combate de França contra Bonetti

Kid Santos continua em evidência

O principal combate da sessão nocturna que se realizou no Estádio Meyer a 11 do corrente, concertado entre o italiano Bonetti e Miguel França, titular português da categoria «leves», terminou pela vitória do pugilista estrangeiro.

Foram dez assaltos idênticos, desde o primeiro ao último sem ocasiões de emoção, embora disputados com ardor. O italiano mostrou grande mobilidade e talento esgrimístico a par de uma experiência muito mais larga, enquanto que o português, combativo, persistente e bom encaixador, exhibia rasgos de bravura merecidamente aplaudida.

França não é o que se pode denominar um ídolo do público. Possui personalidade pouco exhibitionista e gerca raras simpatias entre os prosélitos do boxe, que o acusam de utilizar a cabeça com malévola intenção. É certo que o estilo de França o desfavorece, mas devemos ser justos e calmos na maneira de

apreciar os méritos do campeão português, animando-o e aplaudindo-o em lugar de o acusarmos sempre que encosta o crânio ao corpo dos adversários.

Comparando o trabalho de Bonetti contra Guilherme Martins e agora contra França, conclui-se que o titular foi adversário mais difícil, enquanto que a exibição do italiano, efectuada últimamente, esteve mais à altura dos seus créditos.

Bonetti, abasivamente reclamado *urbi et orbi* como detentor do título europeu, não figurou nem figurou jamais nos registos do campeonato. Mereceu a vitória que lhe foi conferida por José de Araújo, sem que a derrota de Miguel França possa afectar a reputação deste último jogador.

França precisa de subir à plataforma do ring com mais frequência, mesmo que sacrifique parte das suas exigências monetárias, para reaver a indispensável corderação de gestos, avaliação de distâncias e outros

predicados sem os quais é impossível obter vitórias.

O combate anterior, entre Kid Santos e o espanhol Alamo, foi mais excitante, embora de menos valia. Constitui, para nós, um enigma a razão por que este mesmo combate foi recusado aqui há meses e agora se consentia a outra empresa. Os méritos de Alamo, bastante modestos e por certo menores que os de Augusto de Sousa, dificilmente poderiam ser obstáculo sério, e como tal se verificou agora.

Longe de embandeirarmos em arco pela exibição de Kid Santos, que esteve sempre gradado à lona do ring e se movimentou com pouca agilidade, consideramos o seu trabalho inferior ao do pugilista canário. Como vale mais cair em graça do que ter chiste, Jordão França atribuiu-lhe a vitória por pontos ao cabo dos oito assaltos estipulados no cartaz. Um empate parecia-nos mais equitativo.

(Continua na página 14)

UM dos últimos números da revista «Marca» encheia duas páginas argumentando para demonstrar que não tem fundamento real aquela corrente da opinião portuguesa, expressa por dirigentes e jornalistas, segundo a qual o predomínio do futebol ibérico estaria em vias de mudar para as nossas mãos.

Decididamente, os nossos amigos e vizinhos mostram-se pouco dispostos a aceitar semelhante hipótese, não admitindo que o confronto entre os resultados alcançados pela Irlanda em Lisboa e Madrid seja base suficiente para formar juízo exacto.

Para a imprensa espanhola, que repelidas vezes tem versado o assunto, o que conta, o que serve de base de apreciação, é o exame da lista dos 16 encontros passados, onde não figura uma única vitória lusitana.

O cronista da «Marca» reconhece que «a história mostra-nos que nos seus campos, onde sempre foi rival difícil, vencido com esforço, Portugal já não pode hoje ser derrotado: três empates nos últimos encontros», mas conclui em seguida que, «empatar em casa e perder fora foi sempre considerado prova de inferioridade».

No final do artigo diz que «o encontro de Janeiro próximo, em Lisboa, esclarecerá se realmente as posições mudaram tanto» e, sangrando-se em saúde — como soe dizer-se — vai declarando que no caso de triunfo português «os amadores portugueses devem admitir que não basta a vitória esporádica, sendo necessário impedir depois, no partido de volta, em Espanha, um resultado contrário maior». Assim, assume extraordinária importância reflexa, para ambos os contendores, o encontro desta temporada, importância essa que provém da divergência na inter-

Comentários

prelação das causas anulatórias do partido da época passada.

Em boa verdade, nem espanhóis nem portugueses podem firmar o seu juízo em elementos concretos, que ambos faltam: os espanhóis julgam pelo passado e o facto de «sempre haver sido» não basta para garantir que «ainda é»; os portugueses fundamentam-se em comparações indirectas, faltoeis portanto.

Não podemos, nem ninguém poderá, sustentar categoricamente que em Janeiro alcançaremos no Estádio Nacional a primeira vitória de há tanto merecida: mas julgamos nos no legítimo direito de admitir que a esportiva espanhola de 1945, a recusa sistemática de autorização para visitas de clubes espanhóis ao nosso país, foram consequências iniludíveis do receio pelo resultado, aliás confessado, segundo consta, por alguns próprios dirigentes do futebol vizinho.

A quem Neptuno obedeceu

FRENTE ao mar, a brava gente portuguesa, aquela «a quem Neptuno e Marte obedeceram», rasgou suas águas na maior epopeia de um povo, conseguindo, em frágeis batéis, alar-

gar os horizontes do mundo europeu até aos confins do Universo. Esta luta contra as forças ignotas do Oceano caracterizou a época heróica da nacionalidade e atribuiu aos portugueses fama imorredoura de mareantes.

Os séculos passaram e as condições de vida nos povos cultos mudaram por completo; nada mais havia a descobrir ou explorar e os homens, aos quais sempre seduziu impor o domínio da sua frágil vontade às brutas e inconscientes forças da Natureza, passaram a praticar por prazer — como desporto — essas mesmas aventuras que outrora haviam sido por directriz o atractivo do desconhecido.

O desporto da vela devia em tais circunstâncias ocupar posição de preferência nas actividades dos portugueses, filhos dos antigos senhores dos mares; foram, de facto, umas regatas na baía de Cascais as primeiras provas desportivas organizadas em Portugal. Começávamos, assim, por onde a história nos havia levado sempre.

Veio, depois, um período de alheamento que, nos últimos anos, foi substituído por intenso estímulo, cujos efeitos não poderiam ser mais lisonjeiros.

Os velejadores lusitanos afirmam hoje, em todas as competições internacionais onde comparecem, tal valor, que se afigura justo conceder-lhes a primazia no mérito absoluto e relativo de todos os nossos desportistas.

No ano passado, em Vigo e Marin; este ano, em Inglaterra e Cascais, os marinheiros amadores portugueses cobriram-se de glória e provaram ser os dignos descendentes dos navegantes de Gama e Álvares Cabral.

Estamos a dois anos dos Jogos Olímpicos, cujas regatas reunirão os melhores velejadores de todo o Mundo e onde os nossos representantes podem aspirar a ser «os melhores entre esses melhores».

Pensando a sério e com tempo nas condições de participação, fornecendo-lhes embarcações modernas e bem apetrechadas, não será vaidade estulta encetar a possibilidade de um triunfo que, com certeza, nenhum outro desporto poderá ambicionar.

Transferências

ANTES da abertura de cada temporada futebolística, todo o meio se agita interessado pela decisão superior que há-de resolver as centenas de pedidos de jogadores que pretendem mudar de clube. É o primeiro sintoma da actividade dos maneja-dores das equipas, no anseio constante de melhorar as suas hostes pelo recrutamento de novas unidades, onde antevêm classe a aproveitar.

Apesar dos entraves da lei, são sempre numerosos os requerimentos deferidos, mas devendo reconhecer-se que estão muito melhor salvaguardados os legítimos direitos dos colectividades, que suportam por vezes pesados sacrifícios para amparar os jogadores — os mesmos que na primeira oportunidade mais prontamente manifestam a sua ingratidão.

No entanto, não pode deixar-se também de reconhecer que a doutrina inspiradora do actual regime de retenção dos jogadores e saneamento dos costumes, visando o desenvolvimento de escolas próprias nas agremiações desportivas, está longe ainda de ter erigido raízes no meio.

Os velhos hábitos dos «patrões de pesca» ainda se mantêm em numerosos adeptos, alguns de qualidade, dando origem por vezes a episódios pitorescos, desde o misterioso desaparecimento do jogador às públicas declarações de amadores, a explicar que mudam de poiso porque lhes oferecem condições mais vantajosas.

Isto eram, aliás agora, os costumes do futebol, modalidade cujo regime vigente devia ser modificado, para que ficasse em acordo com a verdade oculta, que todos conhecem, mas fingem ignorar; sucede, porém, que rumores crescentes anunciam o alargamento do processo de constituição mediada de equipas fortes a outras variantes desportivas.

Maus hábitos adquirem-se facilmente, quando não combatidos logo no início. Este é dos que deve ser morto à nascença.

Notícias de todos os desportos

Foram louvados os nadadores que tomaram parte nos Campeonatos nacionais e nas provas complementares disputadas na excelente piscina do Luso. A Associação de Nataçao de Lisboa mostra, desta forma, que sabe reconhecer e apreciar o esforço dos seus representantes.

Na sede da Associação de Andebol de Lisboa, rua da Luta 10-A, encontra-se a pagamento, até o próximo dia 21, a taxa de filiação para a presente época. As inscrições efectuam-se até o dia 1 de Outubro, todas as 5.^{as} e 6.^{as}, das 21 e 30 às 23 e 30. O andebol já está nos hábitos da prática desportiva em Portugal.

O Vitória Futebol Clube, importante colectividade de Setúbal, e o União Piedade Futebol Clube enviaram-nos o cartão de livre ingresso no seu campo. «Stadium» regista o gesto das simpáticas instituições.

Bessone Basto, o maior nome da nataçao portuguesa, está na Curia, e ali dá lições na Piscina-Praia, coadjuvado por Vasco Carrelias. A dedicação de Bessone pela nataçao é tão grande que, mesmo nas suas férias, ainda tem entusiasmo e forças para ser útil ao desporto da nataçao.

Está em reorganização em Boa Vista do Albarraque o antigo Clube Atlético da Boa Vista — clube recordado saudosamente pelos adeptos do basquete. Agora, o entusiasmo é grande. Um grupo de pessoas está animado da maior vontade, e vai renascer um clube ainda maior — havendo já várias iniciativas em curso.

XADREZ

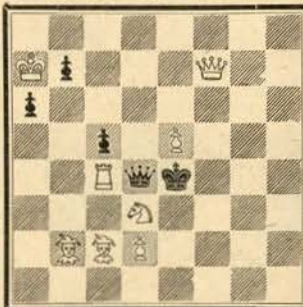
Um novo Concurso temático português

A nova Revista portuguesa escaquística, — «O Xadrez» —, editada pelo dedicado impulsionador do Xadrez por correspondência, Mário Pinto Gomes, do Barreiro, anuncia o seu I Concurso Temático Internacional, com especial interesse para nós, pois o problema-modelo foi primitivamente enviado ao Concurso dos Novéis organizado pela «Stadium». O tema exigido denomina-se Hassberg e consiste no seguinte:

«As brancas na chave despregam uma peça negra e pregam a peça que a executou. Na defesa temática, as pretas despregam a peça branca pregada e voltam a pregar a peça preta despregada pela chave, o que permite à peça branca despregada dar mate, na posição inicial («Ida e volta»), aproveitando abertura de linha branca». Veja-se o problema que inserimos:

A chave é 1. Tx 5, despregando a dama preta e pregando a peça que executou o lance. Na defesa,

«Lema Divulgaçao» «Torneios dos Novéis» — «Stadium», 1946



Mate em 2 lances

as pretas repetem os efeitos: despregam a branca e auto-pregam-se simultaneamente. O mate temático consiste no «regresso» da peça chave à casa inicial, aproveitando uma abertura de linha e a pregagem negra.

Os envios devem ser dirigidos para Mário José Pinto Gomes, Quinta Braamcamp — Barreiro, até 30 de Novembro de 1946. O juiz convidado é Eric M. Hassberg, de New York.

O CLUBE ORIENTAL de LISBOA vem animar a PROVA!

Vasco, pelo sim pelo não, at-
via com segurança. Eis uma
defesa que progride!



Os orientais sabem atacar com valentia, como se vê nesta foto
Uma defesa aparatosa de Capelo



Uma fase animada do Belenenses-
Oriental, nas Salésias



Fernando, o guarda-rede do Oriental,
demonstra que não sabe o que é
ter medo...

Uma inovação! Nume-
ros nas costas. Não são
ó os ingleses que fa-
zem destas coisas...



A velha luta do defesa contra o avançado;
Vasco e Rosado, em animado balde...

É a estreia do Oriental.
Justifica-se plenamente
a troca de ramos!



Os Campeonatos Nacionais CORPORATIVOS de ATLETISMO



Os concorrentes aos Campeonatos Nacionais Corporativos de Atletismo



Feliciano, representando o G. A. M., lança o peso. E foi o vencedor da 2.ª categoria



José António Araújo, de F. N. I. M., vence os 3.000 metros, 1.ª categoria



A equipa do G. A. M. vencedora dos 4x30



José António Alexandre, de Torres Vedras, vence os 80 metros



Atlano Vieira (Cimento Tejo) vence os 3.000 metros, 2.ª categoria



Diáz vencedor do 400 metros em altura



A equipa dos Sapadores Bombeiros vencedora dos 4x1000

A chegada dos 80 metros, 1.ª categoria

A equipa dos 4x100, da F. N. I. M., 1.ª categoria



O X Concurso de Cascais

“Ourique”, “Sado”, “Brioso III” e “Tete” venceram as provas dos dois primeiros dias

CASCAIS costuma dar-nos anualmente um bom Concurso Hípico, o segundo em importância de quantos se disputam no país. O deste ano tinha como especial atractivo a inclusão de cavaleiros espanhóis e franceses, que o tornariam internacional.

Por dificuldades surgidas, não foi possível a deslocação dos concorrentes estrangeiros, apesar de todas as facilidades concedidas pelas entidades portuguesas e até do auxílio que o Ministério da Guerra concederia, caso fosse necessário.

No entanto, o X Concurso de Cascais, muito bem organizado pela S. C. cidade de Propaganda da Quinta da Vila, com a imprescindível e valorosa assistência técnica da Sociedade Olímpica Portuguesa, nada deve ter perdido em brilho, porquanto nele participam os nossos mais afamados cavaleiros, que fizeram inscrever os cavalos de maior nomeada, uns e outros em numero bastante elevado, o que nos indica bem o interesse por parte dos concorrentes na disputa do importante certame.

A «Omniam», — a clássica prova para todos, — que habitualmente inicia os programas dos Concursos Olímpicos e que estava dividida em duas séries, reuniu nada menos de 120 concorrentes, numero que só por si diz tudo.

O campo de obstáculos da Generalinha, que beneficia grandemente com as alterações que lhe foram introduzidas, apresenta um lindo aspecto e os gráficos das provas, fugindo da vulgaridade, tornaram as lutas animadas e muito curiosas de acompanhar.

No sábado teve lugar a «Omniam», nam percurso que, sem ter raias, não estava muito fácil, principalmente para os da 1.ª série, dada a má colocação de uma «entrada de parque», na parte nova da pista, com piso bastante macio. Não era todavia um percurso para cavalos a «meter», e só assim se explica que não houvesse um único sem faltas e que apenas dois o terminassem com quatro pontos. Destes, o mais rápido foi «Ourique», que o capitão Joaquim Leote montou bem, apesar do derrube na já citada «entrada de parque».

Na 2.ª série, a luta foi mais emotiva, porque, para os condecorados, não apresentava iguais dificuldades, e como oito concorrentes «limparam», houve necessidade de aumentar as velocidades para a conquista do 1.º posto, que «Sado», com um lindo percurso, conquistou, conduzido com serenidade e correcção pelo tenente Alves Pereira, em 1 m. e 10 s.

No domingo disputaram-se

duas provas, qualquer delas bastante animadas — uma para cavalos nacionais e outra reservada a estrangeiros.

A primeira trouxe mais um belo triunfo ao tenente Miranda Dias no «Brioso III», repetindo a proeza já conseguida este ano nos Concursos do Porto e de Malra. O valor deste conjunto impõe-se de prova em prova.

«N. mir» com Pascoal Rodrigues e «Jocoso» com Barros e Canha, apesar de limparem, não conseguiram batê-lo no tempo, e eram dois dos favoritos...

Na segunda prova denominada «Sociedade de Propaganda da Costa do Sol», houve apenas um percurso sem faltas, o de «Tete», com o capitão José Carvalhosa. Prova magnífica a premiar o equilíbrio do conjunto, do qual muito se pode esperar.

O capitão Pascoal Rodrigues obteve no domingo dois segundos lugares, visto que ao de «Namir», na «Nacional», há que juntar o de «Desejado», na última prova.

O Concurso prossegue.

Antes Teixeira

A «V Semana Internacional de Vela»

18 vitórias de Portugal

confirmaram o valor dos velejadores portugueses

A «V Semana Internacional de Vela», que, em ambiente de grande interesse e entusiasmo, se disputou na formosa baía de Cascais, constituía uma afirmação segura do desenvolvimento actual dos desportos náuticos em Portugal. Verificou-se que estamos em posição magnífica, tanto pela quantidade de elementos que animam a actividade do desporto da vela, como pela qualidade revelada pelos nossos velejadores. E melhor ainda, o aspecto que foi possível observar no decorrer das regatas de Cascais, o confronto entre a classe dos velejadores portugueses e equipas excelentes que expressamente foram seleccionadas em França, Inglaterra e Espanha para virem navegar nas águas do Tejo.

Os resultados foram de molde a darem-nos a certeza do nosso valor, tanto mais que qualquer das regatas foi disputada sob rija competição, oferecida por todas as tripulações, quer as portuguesas entre si, ou as estrangeiras lutando por imporem a sua classe.

18 vitórias para Portugal, 2 para França, 1 para Inglaterra

O ESTORIL fez

o melhor resultado da 1.ª jornada

Começou no último domingo mais um campeonato da II Divisão do A. F. L.

Disputada nas últimas épocas por oito concorrentes, a competição redne, em 1946/47, apenas seis clubes. É esta a «novidade» do torneio, que nem mesmo com a redução de dois concorrentes perde as suas características de prova essencialmente bairrista. Chelas e Marvila deixam de ter representantes neste campeonato, mas lá continuam os de Benfica, Graça e Sacavém, aos quais se juntou o de Arroios.

O Estoril, baixado da I Divisão, é o favorito do certame e deve ter — se as impressões da jornada inaugural se confirmarem — no Futebol Benfica e no Arroios os seus mais directos competidores.

Os resultados dos desafios de domingo passado foram os seguintes:

Estoril Praia-Operário, 7-0; C. D. Arroios-Sacavenense, 5-2; Casa Pia-Futebol Benfica, 1-3.

Pertenceu aos estorilistas o melhor resultado da «ronda» sem que isso possa ter causado surpresa. A saída de Valongo e Mateus, que, por sinal, eram figuras gradadas da equipa, parece não ter afectado o valor da formação da Costa do Sol. O grapo não experimentou dificuldades em impor-se e na segunda parte do desafio dominou intensamente, fazendo cinco tentos. O Operário,

tendo como primeiro adversário a equipa mais forte, foi pouco afortunado e não pôde começar o campeonato no jeito de épocas anteriores.

Na Amadora venceu a melhor equipa sobre o terreno. Mas a verdade é que nem o Futebol Benfica nem o Casa Pia brindaram a assistência com exhibições de grande valia.

O Arroios estreou-se da melhor maneira. Sem ter podido apresentar alguns dos melhores elementos de que dispõe, não lhe foi difícil firmar superioridade sobre o Sacavenense e justificar o resultado. Não se poderia exigir melhor para um estreante. A vitória de domingo pode constituir ponto de partida para novos cometimentos, pois não deixou de incutir confiança nos jogadores.

D. D.

BOXE

(Continuação da pág. 10)

Para principiante, Kid Santos exhibe já vícios importantes e am deles é ignorar os benefícios dos golpes directos, em particular os do punho esquerdo. Tem, evidentemente, planta, muita vontade e boa dose de combatividade — factores de progresso.

Alamo mostrou-se ágil, mas pouco eficiente. Além de uma experiência superior, nada exhibiu de notável acima da mediania banal de todos os dias.

O combate do italiano Battaglia com o marinheiro Diamantino Gama devia ter concluído pela desclassificação do estrangeiro, por usar e abusar voluntariamente de cabeçadas no rosto do português.

Machado Júnior tinha obrigação de tê-lo chamado à ordem, impondo a sua autoridade e dominando os acontecimentos.

No primeiro assalto, Gama encaixou alguns socos na cara e nos flancos. Levou duas cabeçadas, respondendo com duas cotoveladas...

No segundo, o combate tornou-se uma briga. O italiano encaixou cabeçadas e deu outras, acabando o assalto a sangrar e meio tonto.

No terceiro, Battaglia propina mais de oito golpes com a cabeça, voluntários, abrindo brechas nos sobrolhos de Gama, que desiste no intervalo seguinte.

Aqui está uma bela oportunidade de castigar um reincidente...

A abrir o espectáculo, Alfredo de Oliveira e Cruz Pessos fizeram seis assaltos duros e combativos. Escassa esgrima e muito vigor em dois rapazes fortes, que conhecem pouco da ciência do ring.

Oliveira agradeceu-nos mais no final do combate. A decisão de Aluizio Falcão, um empate, foi justa. E, quanto ao espectáculo, bastante aceitável, embora presenciado por menos público que habitualmente.

R. B.

Nova época...

FUTEBOL — Começou a disputar-se o campeonato regional, a que concorrem o F. C. do Porto-Salgueiros, Leça-Leixões e Boavista-Académico. Estes pares, pela ordem que indicamos, encontraram-se no domingo, e embora fosse de esperar vitória mais ou menos nítida do F. C. do Porto sobre o Salgueiros, ninguém diria, antes do desafio, que o clube dos encarnados viesse a perder por 18-0!

Pode considerar-se «histórico» o resultado entre os dois agrupamentos, que, em épocas passadas, mantiveram estreita rivalidade. O F. C. do Porto levou sempre a melhor, no conjunto de resultados, mas não se livrou de algumas derrotas infligidas pelo seu valoroso adversário. Actualmente — é o que se vê! Lamentemo-lo.

Houve mais equilíbrio, evidentemente, nos jogos Boavista-Académico e Leixões-Leça. Vitória dos primeiros, por 3-2 e 4-2, respectivamente. Surpreendeu um tanto a actuação do Académico, que perdeu pela tangente no próprio campo do adversário, o Boavista, que muitos consideram desde já de novo companheiro do F. C. do Porto no campeonato nacional.

Para domingo, estão marcados os seguintes desafios: Boavista-Porto, Salgueiros-Leixões e Académico-Leça. O equilíbrio é com certeza maior, e pode até dar-se o caso da segunda jornada esclarecer de pronto a posição dos grupos. Atenção a domingo...

Por curiosidade damos as linhas dos 6 clubes portuenses na primeira jornada:

F. C. do Porto — Barrigana, Armando, Guilhar, Anjos, Romão, Alfredo, Lourenço, Araújo, Sanfins, Falção e Catolino.

Salgueiros — João, Soares, Mário Silva, Louro, Torres, Fernandes, Adriano, Casimiro, Gomes, Paulista e Mascote.

Boavista — Mota, Francisco Silva, Pereira, Raimundo, Serafim, Ramos, Pina, Armando, Caiado 1.º, Caiado 2.º e Barros.

Académico — Trindade, Jorge, Ramos, Peixoto, Pacheco, Carvalho, Gamba, Mendes, Toneca, Tomé e Cardoso.

Leixões — Lopes, Crista, Nelito, Alexandre, Adão, Paulo, Bentes, Pedro, Costa Pereira, Roberto e Chaves.

Leça — Oliveira, Américo, Valdemar, Queirós, Rocha Lima, Godinho, Chelas, Francisco, Lúcio, Lacerda e José Lino.

ATLETISMO — A F. N. A. T. marcou para esta cidade os campeonatos corporativos. Compareceram representantes de Lisboa, Coimbra, Porto, Braga e Torres Vedras, e a vitória pertenceu em grande escala aos representantes da capital, sem dúvida alguma mais bem preparados.

HOQUEI EM PATINS — O Infante de Sagres, que bateu o Académico, campeão regional, no seu próprio «rink» do Lima, não foi feliz na sua viagem a Lisboa, visto que foi derrotado pelo Hoquei de Sinta e Paço de Arcos.

Mas o hoquei em patins portuense, em boa verdade, não tem ainda «força» para se bater com

COMEÇOU no último domingo a disputar-se o campeonato regional de 1946-47, com a concorrência de um lote de clubes que, de um modo quase permanente, tem pertencido à Divisão de Honra da A. F. do Porto. O Académico, na última época afastado por via da inesperada vitória do Ramaldense, voltou a ser companheiro do F. C. do Porto, Boavista, Salgueiros, Leixões e Leça, e oxalá possamos festejar o seu reaparecimento, visto tratar-se de um clube cheio de possibilidades e de honrosas tradições.

O torneio deste ano terá de aparar um grapo para concorrer ao campeonato nacional, por estar isento o campeão do Norte de várias épocas, o F. C. do Porto, e esperam os portuenses amadores do futebol que este facto não tire emção no torneio. Tal não deverá acontecer. O F. C. do Porto, a despeito de se considerar afastado de complicações, nem por sombras desejará perder um título que conhece muito bem. O seu propósito de envolver o torneio em ambiente sério também guiará com certeza a sua equipa e, assim, a luta entre os interessados na entrada no campeonato nacional pode constituir um excelente atractivo.

Se exceptuarmos o F. C. do Porto, que procurará, evidentemente, cumprir com a sua obrigação, veremos os outros clubes empenhados numa prova que lhes vale mais que um título. Talvez o campeonato do Porto, por força das circunstâncias, venha até a agradar mais que nos anos anteriores, servindo mesmo de «pedra de toque» indispensável neste momento.

Do que se precisa, sem dúvida alguma, para bem representar o Porto, é de equipas capazes de corresponder aos anseios da sua gente. Por demais se sabe que isso não tem acontecido, e já é tempo da segunda cidade portuguesa e indiscutível centro desportivo se impor e dispensar o eterno regime de favor que

vantagem contra os lisboetas. Só o tempo e o trabalho porfiado poderão trazer-lhe a classe para tanto.

NATAÇÃO — Os portuenses estiveram mais uma vez na piscina de Espinho. A superioridade manifesta de nadadores com o valor de Mário Simas, Jeremias e Mendes da Silva esteve ao de cima, inevitavelmente, mas estas competições e este contacto ajudarão bastante. Oxalá se continue no mesmo ritmo, são os nossos votos.

lhe têm dado os altos poderes do futebol.

Este ano, por exemplo, assim sucedea. Se não fora mais um alargamento «especial», o Porto teria apenas o seu campeão, isolado, enquanto Braga se iria representar por duas equipas e Lisboa por cinco!

Compreenda-se, portanto, em definitivo, a delicada posição dos portuenses. O F. C. do Porto, mais forte ou mais fraco, tem-se colocado de modo a não deixar os seus créditos por mãos alheias, sempre distante dos últimos, mas nemham dos seus companheiros do campeonato portuense conseguia ainda ajadalo. Pois era

bom que não acontecesse este ano como em épocas passadas.

Posto isto, deseje-se igualmente que o torneio regional não provoque incidentes ou atritos de qualquer natureza. O futebol raro não deve recasar-se e é admitido em todos os campos. Luta leal e enérgica, inteiramente desportiva, serve para dar ao jogo a ideia de que se batem grupos constituídos por bons atletas e não elementos provocadores de baixa ordem. O ano passado houve muito disso, infelizmente, e já este ano se principiou mal.

Queremos acreditar em que todos os jogadores, no seu próprio interesse, lutarão a provocações escusadas e inadmissíveis. O futebol, como todas as modalidades desportivas, precisa de praticantes disciplinados. Estará a mais quem não quiser seguir a doutrina do bom senso!

Mosaicos nortenhos...

IMPRESSIONOU desagradavelmente a ideia do F. C. do Porto se fazer transportar para o campo do Vilanovense, a fim de jogar ali com o F. C. F. malicão. Até certo ponto julga-se que há razão nos desgostos. Todavia, se o campo da Constituição estava impróprio para albergar o público e os jogadores das duas equipas, e ainda se o Estádio do Lima não podia servir — que poderia esperar-se?

O Campo Soares dos Reis, como já se reconheceu, serve para jogos de certa importância, e a «experiência» do F. C. do Porto tem de admitir-se. Quem sabe se ainda precisará de o utilizar mais vezes...

PRINCIPIARAM as experiências. O F. C. do Porto, contra o familiar, fez algumas que julgamos dignas de referência especial. A linha média, composto por Joaquim, Romão e Alfredo, pareceu-nos aceitável. Como são rapazes novos, admite-se que melhorem e consigam dar ao sector intermediário aquela unidade que há muito lhe falta. Alfredo, hoje utilíssimo à custa de muito esforço pessoal, pode vir a impor-se como um dos melhores elementos da equipa.

Quando ao ataque, se fôssemos a Szabo teimeríamos com Boavista no posto de avançado-centro. E jovem, gosta de bola e tem belíssimas qualidades. Falta-lhe saber dominar o esférico, mas isso aprenderá por certo o simpático jogador de cor do F. C. do Porto — que é um dos mais distintos alunos da Faculdade de Medicina desta cidade.

TRES Caiados no Boavista! Depois do valoroso «internacional» do Portugal-Irlanda, denuncia certa habilidade o irmão vindo de Faro, podendo esperar-se que a equipa esteja ainda mais valorizada que na época finda.

O Boavista, afinal, não leve baixas, algumas tão apregoadas pelos próprios jogadores da sua equipa. O bom senso triunfou, e não foram por certo as entrevistas concedidas que fizeram o milagre...

SALGUEIROS, lutando com as suas próprias posses, procura levar a cruz ao calvário. Dá um exemplo que muitos deveriam seguir, de tal modo tem demonstrado a sua força de vontade, o extraordinário empenho de bem servir a sua bandeira e o desporto portuense.

Entretanto, e infelizmente, nem sempre o ajudam, e a sua vida é por vezes rodeada de sérias dificuldades.

NATAÇÃO... Sempre é bom falar na modalidade, tanto mais que o Porto se fez representar nos campeonatos nacionais, disputados no luso. Sempre se vai fazendo alguma coisa, no rio, no mar ou nas piscinas instaladas... fora do Porto.

Com a melhor actividade por parte dos dirigentes, efectuaram-se as provas do campeonato regional, e pôde também verificar-se o interesse de Viana do Castelo, cidade onde os desportos náuticos têm tradição.

Por enquanto — é muito pouco. Se não falhar a propaganda e a boa vontade abertamente denunciada pelos dirigentes, talvez estejam reservados melhores dias ao salutar desporto.

A PATINAGEM portuense não passa de alegre divertimento para famílias... Este ano, então — uma autêntica charada literária! Lá por falta de propaganda e de relato minucioso não é que se perde a simpática modalidade. Nunca se viu, numa prova entre-sócios, tão bom desenho jornalístico e fotográfico...



A defesa do Salgueiros atira...



Sanfins vai chutar mais um «golo»

BOAVISTA - ACADEMICO

Os Campeonatos Nacionais de TENIS



O meia esquerda do Académico em luta com a defesa do Boavista



Os finalistas dos campeonatos nacionais de tenis



As tenistas que triunfaram nos campeonatos nacionais

O CONCURSO HIPICO de CASCAIS

1 - O capitão José Carvalhosa no «Tete» vencedor da prova «Sociedade de Propaganda da Costa do Sol», disputada no domingo



2 - O tenente Alvaro Pereira no «Sado» que triunfou na 2.ª série da prova «Omnium», disputada no sábado





A BICICLETA



FLECHA



VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL



DORS

Stadium



Rebelo



José Martins



Fernando Moreira



Driss



Flecha
a bicicleta dos campeões
A ILUMINANTE
Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



2\$00